

## RIO PRETO LIMPO: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

**Gerson Tavares do Carmo**

Mestre em Cognição e Linguagem pela UENF-RJ  
gtavares33@yahoo.com.br

**André Uébe Fernando Mansur**

Mestre em Engenharia de Produção – UENF  
Mestre em Comunicação Social – UFRJ  
uebe@censanet.com.br

### **Resumo:**

Este artigo pretende atualizar as discussões a respeito do projeto *Desvendando Rio Preto* a partir da literatura já produzida pelo ISECENSA sobre o povoado foco deste estudo, bem como a partir de uma reavaliação da proposta de geração de renda fundamentada em atividades de artesanato e culinária. A atualização se justifica tendo por base uma enquete sobre percepção ecológica realizada em maio de 2007, junto a 250 moradores do povoado. O conjunto de informações da enquete culminaram na idealização do projeto *Rio Preto Limpo*, lançado em maio de 2008 na sede do projeto em Rio Preto, e na revisão nas proposições estratégicas para geração de renda com as moradoras que participam do Curso de Educação de Jovens e Adultos, ligado ao projeto. Discute-se o conceito de Esquema Conceitual Referencial e Operativo (ECRO) como eixo metodológico estruturante e catalizador das diferentes experiências, regulares ou não, desenvolvidas pelo projeto *Desvendando Rio Preto* desde seu estágio embrionário em setembro de 2004.

**Palavras-Chave:** Rio Preto, Educação Ambiental, Educação de Jovens e Adultos

### **Abstract:**

This paper has the goal to upgrade the discussions about the social project *Desvendando Rio Preto* beginning from the report developed by ISECENSA about the community studied as well as the revaluation of income generation based in craft activities and cookery. This upgrade is justified based on a research about ecological perception by the population accomplished in May of 2007, where it was interviewed close to 250 residents of the town. After this research it was possible to think for another project called *Rio Preto Limpo* (beginning in May of 2008) as well as to think for a revision of strategic goals for income generation with the residents that participate of Federal Program of Young and Adults People Literacy, linked at the project. At this paper is also discussed the concept of Referencial and Operative Conceptual Schema (ECRO) like structural methodologic and catalyst axis of the different experiences, regular or not, developed since the project *Desvendando Rio Preto* has borned in September of 2004.

**Keywords:** Rio Preto, Enviromental Education, Young and Adults People Literacy

## Introdução

Rio Preto, o maior núcleo de moradores de Morangaba, 9º distrito de Campos dos Goytacazes, com cerca de 400 famílias, caracteriza-se pela população de baixa renda, cuja fase aguda de pobreza ocorreu na segunda metade da década de 80, quando a Usina de açúcar Novo Horizonte entrou em processo de falência. Em 1987, o governo federal desapropriou 4.335ha da área agrícola para aplicação do Programa de Reforma Agrária o que forçou mudanças nas relações de trabalhadores assalariados, os quais, a partir daquela data, tornaram-se, por contingência, produtores rurais mercantis (NEVES, 2004).

Conforme CARMO e MANSUR (2005), a região possui belezas naturais inseridas no maior núcleo vegetacional e (único) montanhoso do município de Campos dos Goytacazes que, contrastando com a imensa planície campista, aponta a região de Rio Preto como dotada de vocação ecoturística. Porém, após 19 anos de reforma agrária e melhorias na infra-estrutura urbana no povoado, 66% de domicílios ainda apresentam renda familiar de até um salário mínimo e 69,5 % da população tem menos de três anos de escolaridade.

Por outro lado o Relatório da Enquete “Rio Preto Limpo” (CARMO & MANSUR, 2008), realizada em 2007 pelo Curso de Administração do ISECENSA junto a 250 moradores, sugere que a população local tem consciência das belezas e potencialidade turística ecológica de Rio Preto, bem como demanda “coleta seletiva de lixo” no povoado, haja vista que 88% dos entrevistados acham que a reciclagem de lixo deveria ser obrigatória em Rio Preto. O conjunto de informações da enquete levaram a idealização do projeto Rio Preto Limpo, lançado em maio de 2008 na sede do projeto em Rio Preto.

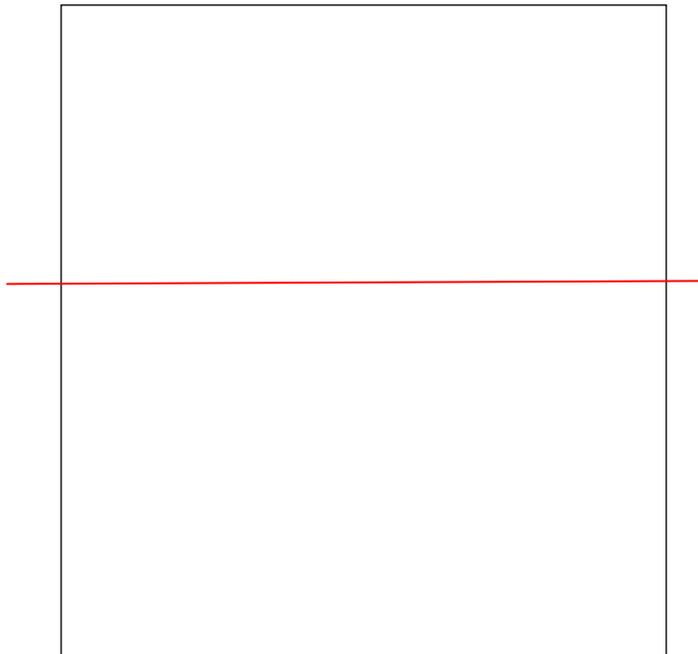
Vale esclarecer que o projeto Desvendando Rio Preto atua no povoado desde setembro de 2004 com as seguintes realizações: Censo Sociodemográfico em 2005 e 2007 (CARMO & MANSUR, 2005); três pesquisas de opinião com turistas das três pousadas locais (CARMO & SUYANNE, 2006); uma pesquisa de opinião sobre as expectativas do consumidor campista quanto a marca Rio Preto em parceria com o CEFET-Campos (CARMO; PESSANHA JUNIOR; GOMES, 2006); registros em vídeo de colheita e processamento de 1000kg de araruta, em 2007, no Sítio Siriema, com mudas fornecidas pela EMBRAPA (CARMO & VAILLANT); atendimento de alfabetização de adultos a quarenta moradoras de Rio Preto com bolsas do TECNORTE em 2007 e bolsas do ISECENSA em 2008 (CARMO et al, 2008); atendimento de qualificação profissional (cursos de artesanato, culinária e bordado) a trinta moradoras em parceria com o CEFET-CAMPOS; organização de acervo com 1500 fotos e 50 registros em vídeo; visita técnica das alunas à comunidade quilombola de Monte Alegre – ES em 2007; visita turística agendada a Rio Preto com alunas do Curso de Pedagogia do ISECENSA em 2007; cinco pesquisas monográficas sobre Rio Preto (MACHADO, 2006, SOUZA, 2007, SALES, 2007, BARRETO, 2007, MANHÃES, 2008); formação da ASSECE (Associação de Empreendedores Socioculturais e de Pequenos Negócios) em 2007; publicação de um artigo completo na Revista Perspectiva sobre questões de gênero e cidadania em Rio Preto (CARMO et al, 2008); uma enquete sobre percepção ecológica dos moradores de Rio Preto em 2008.

## A Educação de Jovens e Adultos

No que tange à Educação de Jovens e Adultos (EJA), esta representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (PAIVA, 1998).

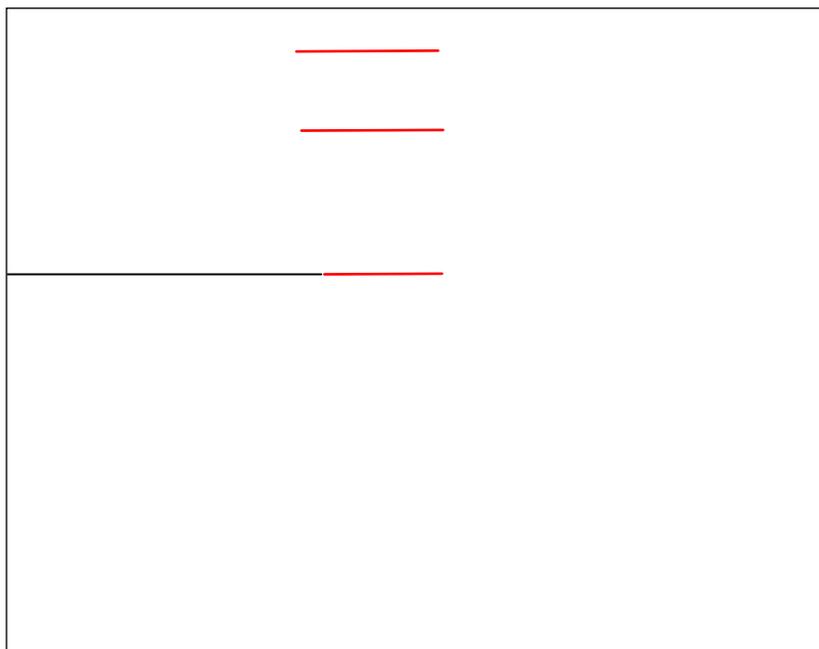
As tabelas e os gráficos adiante apresentam, de forma resumida e comparativa, algumas taxas de escolaridade de Rio Preto, Morangaba e Campos dos Goytacazes. Por exemplo, a partir da tabela a seguir, observa-se que a taxa de alfabetização de Morangaba (em vermelho) é a mais baixa de todo o município de Campos dos Goytacazes (81,8), destacando-se também que é inferior à média no Estado e na Região Norte-Fluminense (96% e 93,1%, respectivamente).

Tabela 1 - Taxa de Alfabetização de 15 anos ou mais, segundo situação do domicílio  
 – Estado, Região Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes – 2000

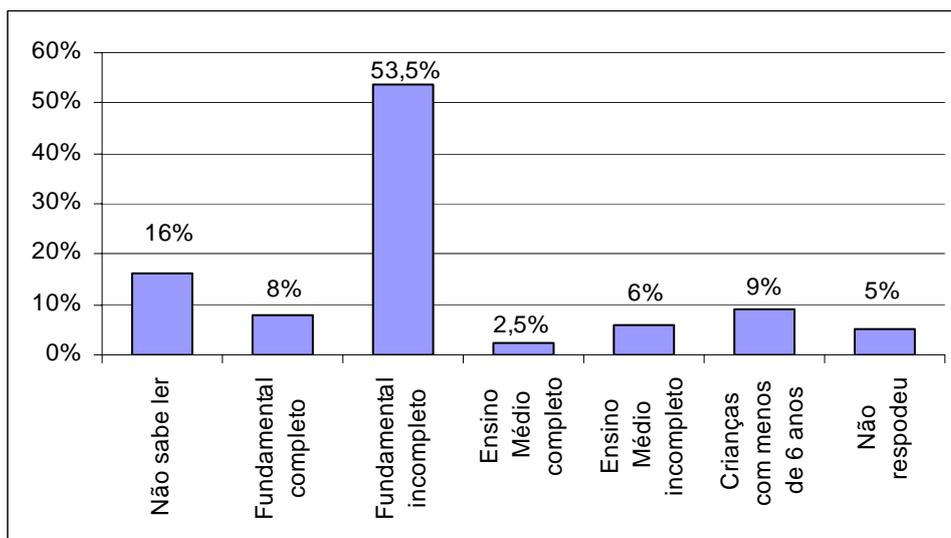


Na tabela 2, são apresentados os chefes de domicílios segundo grupos de anos de estudos. Nela pode-se observar, na segunda linha assinalada em vermelho, que 36.594 (14.292 + 22.302) chefes do município, praticamente um terço deles (32,6%), tem menos de 3 anos de escolaridade, ou seja mal sabem ler e escrever. Se considerarmos aqueles que tem menos de três anos de estudo como analfabetos funcionais, no distrito de Morangaba (terceira linha em vermelho), está o mais alto índice de baixa escolaridade de Campos dos Goytacazes, isto é, dos 805 chefes de domicílio 574 tem menos de três anos de escolaridade, configurando um percentual de 71,3%.

Tabela 2 – Pessoas responsáveis pelos domicílios segundo grupos de anos de estudo  
 Estado, Região Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes – 2000



A situação da escolaridade em Rio Preto confirma as informações anteriores, conforme se pode observar na próxima Figura:



Fonte: Relatório de Pesquisa Desvendando Rio Preto– ISECENSA, 2005, BN nº 378.482

Um número a destacar nos dados acima é o percentual de 53,5 % da população com o Ensino Fundamental incompleto, que somados aos 16% dos que não sabem ler, totalizam 69,5% de jovens e adultos analfabetos ou analfabetos funcionais. Estes são moradores que constituem o universo total de demanda por uma educação de jovens e adultos na localidade.

O depoimento de uma diretora de uma escola de Rio Preto é taxativo:

(...) é urgente ter Educação de Jovens e Adultos em Rio Preto, mas com professores locais por causa do transporte. A violência aqui está aumentando entre as crianças que ficam vendo esses homens que arrumam briga nas festas ... é preciso muita educação por aqui.

Tal qual a diretora da escola de Rio Preto, este projeto enfatiza a urgência de uma intervenção sólida e continuada no campo da educação, dentro e fora da escola no povoado, principalmente na EJA, sob o risco de comprometer, como vem comprometendo, os esforços de investimentos públicos e privados que lá já foram e vem sendo feitos.

### **A Educação Ambiental**

Por outro lado, ao longo dos quatro anos de ação do projeto Desvendando Rio Preto (iniciado em setembro de 2004), observou-se que nenhuma política pública foi desenvolvida em Rio Preto para a Educação Ambiental, embora o povoado esteja praticamente dentro do Parque Estadual do Desengano. Entre os turistas que visitam Rio Preto é comum ouvir-se “aquele lugar é sujo”, o mesmo acontecendo com os moradores que responsabilizam o serviço de limpeza público pela falta de limpeza. Dessa forma, o projeto Desvendando Rio Preto tomou a iniciativa de organizar a Enquete Rio Preto Limpo, aplicada no primeiro semestre de 2008 por alunos do 2º período do Curso de Administração do ISECENSA. A enquete teve como objetivo geral caracterizar a sensibilidade dos moradores locais com relação a percepções ecológicas, conforme mostram alguns gráficos a seguir.

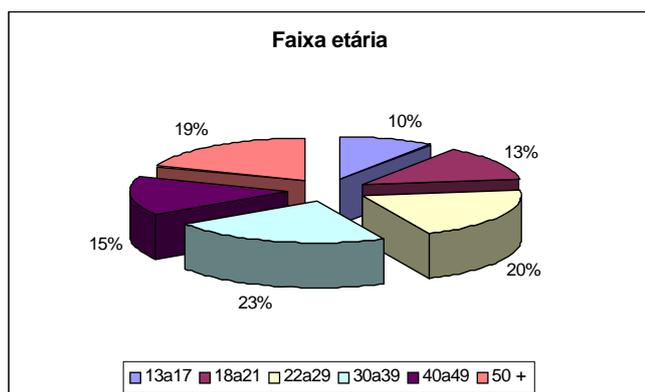


Figura 1 – Faixa etária.  
Fonte: Enquete Rio Preto Limpo/ISECENSA 2008

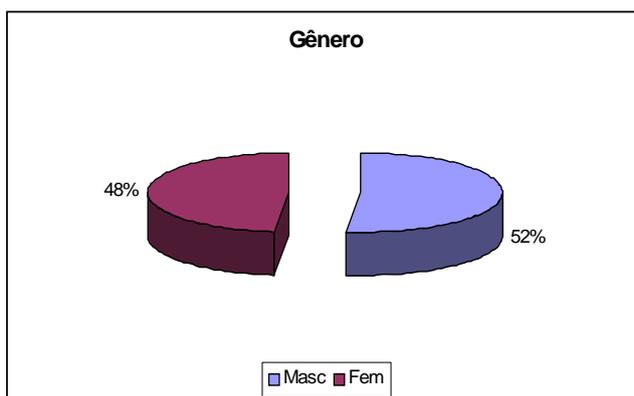


Figura 2 – Gênero.  
Fonte: Enquete Rio Preto Limpo/ISECENSA 2008

Os dois gráficos acima mostram, em síntese, que a população pesquisada abrangeu as diversas faixas etárias (jovens de 13 a 29 anos totalizaram 43%, adultos de 30 a 49 anos totalizaram 38% e idosos com 50 anos ou mais 19%), bem como os gêneros masculino (48%) e feminino (52%).



Figura 5 – Você se acha uma pessoa ecológica?  
Fonte: Enquete Rio Preto Limpo/ISECENSA-2008

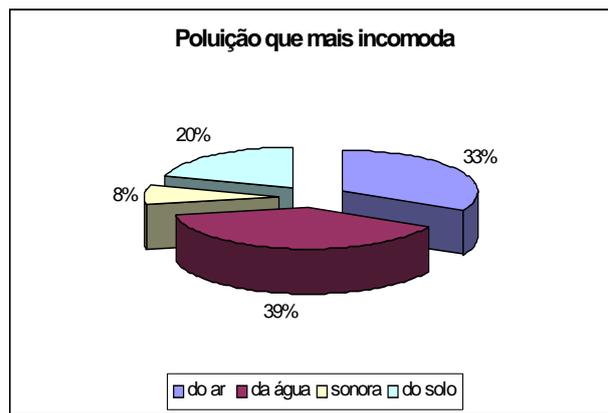


Figura 6 – Poluição que mais incomoda.  
Fonte: Enquete Rio Preto Limpo/ISECENSA-2008

Nestes gráficos estão representadas algumas percepções dos moradores que participaram da enquete. Na figura 4, observa-se que quase nove décimos dos moradores (88%) dizem que se acham uma pessoa ecológica, sendo que 19% se julgam bastante ecológicos. Embora não se tenha indagado sobre o que consideram “um pouco” e “bastante” ecológico, as informações obtidas apontam certamente para uma “disposição ecológica” potencial que pode vir a ser alavancado através de projetos de educação ambiental. Já na figura 5, verificamos que a poluição da água (39%) é a que mais incomoda aos riopretenses e a que menos incomoda é a poluição sonora (8%), percentuais bem de acordo com as características naturais da localidade. É interessante observar que 20% se incomodam com a poluição do solo, o que provavelmente não representa a poluição do solo em si, mas do lixo que se espalha pela superfície deste solo, ou seja, nas calçadas, nas ruas, nas encostas dos rios. Por último, a figura 5 mostra que um terço dos moradores (33%) também se incomodam com a poluição do ar o que pode vir a ser um incômodo proveniente de mal cheiro oriundo de lixo, de esgoto a céu aberto ou de fumaça originada pela prática de queimadas.



Figura 6 – Atividade que julga mais importante.  
 Fonte: Enquete Rio Preto Limpo/ISECENSA-2008

A enquete Rio Preto Limpo deu especial atenção à questão do lixo, dedicando 3 das 12 perguntas a esse tema, muito em função dos comentários observados feitos pelos turistas a respeito da sujeira no povoado. Na figura 6, ao lado, verifica-se que metade do entrevistados escolheram a reciclagem como a atividade mais importante para tratar do lixo



Figura 7 – Reciclagem obrigatória, o que você acha?  
 Fonte: Enquete Rio Preto Limpo/ISECENSA-2008



Figura 8 – Você separaria seu lixo?  
 Fonte: Enquete Rio Preto Limpo/ISECENSA-2008

Interessante observar na figura 7 que a maioria dos entrevistados apóia uma reciclagem obrigatória, o que deixa a mostra uma percepção de que possa haver uma inércia que obstaculiza a implantação de ações efetivas de reciclagem no povoado, que só poderia ser afastada com o caráter de obrigatoriedade. Quanto à figura 8, verifica-se que há uma disposição favorável para coleta seletiva de lixo por parte dos entrevistados.

Como última justificativa apresentamos a figura 9 que mostra o quanto o projeto Desvendando Rio Preto é conhecido pela população local (63%), sendo que praticamente metade dos entrevistados já tiveram algum contato com algum dos alunos ou professores que já atuaram no projeto.

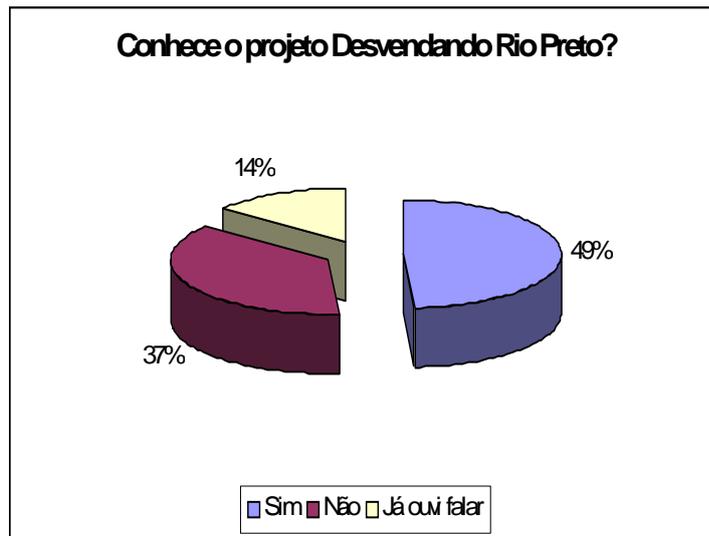


Figura 9 – Conhece o projeto Desvendando Rio Preto?  
 Fonte: Enquete Rio Preto Limpo/ISECENSA-2008

Essa considerável popularidade do projeto no povoado deve-se certamente à relação de confiança estabelecida entre o projeto e a comunidade desde outubro de 2004. Confiança essa que se acumula em forma de um *capital social*<sup>1</sup> nos moldes de Putnam (2000), seja pelos dois censos lá realizados (2005 e 2007) em 300 domicílios, seja pela ação ininterrupta do projeto (visitas semanais) para atuar junto aos produtores, alfabetizar moradores, participar de eventos lá promovidos ou para propor ações comunitárias como o projeto Rio Preto Limpo. Abaixo, pode-se observar imagens de atuação do projeto Desvendando Rio Preto em sua sede no povoado.



Fonte: Coleção Desvendando Rio Preto/ISECENSA.

<sup>1</sup> Para Putnam, *capital social* compreende características da organização social, confiança, normas e sistemas que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. O capital social quando presente em uma sociedade, fortalece a tomada de decisões e a execução de ações colaborativas que beneficiam toda comunidade (2000).

## Metodologia

Como o projeto Rio Preto Limpo, tem origem no projeto Desvendando Rio Preto, em atividade desde 2004, e, portanto, orientado por metodologias traçadas desde então, este tópico conterá breves históricos metodológicos que fundamentaram as escolhas atuais, divididas em cinco subtópicos para melhor compreensão da rede teórico metodológica trançada em torno de três eixos: **educação** (de Adultos e Ambiental) como fator de transformação social, **capital social** como resultado de relações de confiança entre o projeto e a comunidade e **associativismo** como variável dependente de Esquemas Conceituais, Referenciais e Operativos (ECRO) existentes e/ou fomentados na comunidade.

## Desenvolvimento local

A literatura acadêmica e os relatórios de agências internacionais que tratam do tema do capital social partem, de modo quase generalizado, da constatação de que as variáveis econômicas não são suficientes para produzir desenvolvimento social e ambientalmente sustentável. Afirmam que o crescimento econômico não produz, necessária e diretamente, o desenvolvimento social, que as instituições e o sistema social são elementos-chave na resolução do problema do acesso aos benefícios econômicos produzidos e de sua repartição (Milani, 2004).

A partir desses pressupostos, abaixo estão relacionados aspectos teóricos / metodológicos que foram explicitados nos primórdios do projeto, para serem levados em conta no processo decisório que o orientou, supondo continuidade de ações articuladas entre ISECENSA e a comunidade de Rio Preto (em cada tópico sublinhamos termos ou expressões chaves) por um período não menor do que quatro anos:

- o desenvolvimento local é sabidamente **marcado pela cultura do contexto em que se situa**;
- o desenvolvimento local pode ser considerado como o conjunto de atividades culturais, econômicas, políticas e sociais que participam de um projeto de **transformação consciente** da realidade local;
- num projeto de transformação social, há significativo grau de **interdependência entre os diversos segmentos que compõem a sociedade** (âmbitos político, legal, educacional, econômico, ambiental, tecnológico e cultural).
- o desenvolvimento local é também **fruto de relações de conflito, competição, cooperação e reciprocidade** entre atores, interesses e projetos de natureza social, política e cultural. (Adaptado de Milani, 2004, p.1)

Essas “recomendações” teórico/ metodológicas têm participação concreta na condução deste projeto que prioriza a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação Ambiental (EA) em sua dimensão comunitária<sup>2</sup>, ou seja, aquela que aponta para o cuidado com o histórico da comunidade e com as intervenções institucionais públicas ou privadas já realizadas no campo da infra-estrutura, habitação, saúde, lazer etc., a fim de que este não se feche em sua proposta projetiva, tendo em vista impactos que se deseja alcançar a longo prazo.

## Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A metodologia para trabalhar a alfabetização de jovens e adultos no ISECENCERJA compreende a mescla do Método Dom Bosco de Educação de Base com os princípios de alfabetização na perspectiva de Paulo Freire porque trazem em seu bojo **a preocupação com a concretude da realidade dos sujeitos alunos de EJA**, ou seja, trazem para a intimidade do processo de alfabetização práticas de convivência necessárias a uma ação educadora que envolva e promova o contexto no qual está inserido aquele que desejou voltar a estudar.

<sup>2</sup> Entende-se comunidade conforme o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1887): " comunidade é o grupamento humano onde predominam a economia doméstica e a organização social fundada nas relações de parentesco e no prestígio",

### Método Dom Bosco de Educação de Base

O Método Dom Bosco, conforme Santos (2003, p. 35) tem como objetivo colaborar para que o alfabetizando adulto aprofunde a consciência crítica de si mesmo e de sua realidade, e adquira capacidade de ler, de escrever e de efetuar as quatro operações matemáticas fundamentais, como instrumento para melhor desempenho e valorização pessoal, familiar, profissional e cívico-social.

É um método eclético que consiste em trabalhar palavras-chave apresentadas por desenho e envolvendo ações concretas que mantenham a ligação permanente com a vida do aluno. Eficácia e rapidez são características do método, pois a aprendizagem da leitura e da escrita, geralmente é alcançada em torno de cinquenta aulas de três horas cada uma. Esse resultado proporciona ao alfabetizando e ao alfabetizador a motivação necessária para que não ocorram desistências.

### Princípios de Alfabetização na perspectiva de Paulo Freire

Conforme Borges (2003, p. 26) a alfabetização na perspectiva freireana deve, como premissa básica, “incorporar a leitura de mundo dos educandos como ponto de partida para a leitura da palavra”. O ponto de chegada da alfabetização (saber ler e escrever) está vinculado à elaboração de novos projetos de sociedade e à organização de espaços de participação popular. Essa prática educativa denomina-se “Alfabetização como Ação Cultural” (id. ib.).

A metodologia de Paulo Freire reafirma a importância do estudo da realidade como instrumento da alfabetização libertadora. O estudo da realidade parte da escuta das falas dos educandos, mas para que isso ocorra, é necessário que os educadores, primeiramente, organizem espaços de diálogo entre educandos e a realidade, entre educandos e educandos e entre educandos e educadores. A seguir, vem a etapa da organização dos dados, atividade inerente aos educadores, pois a eles é atribuída a função de mapear os problemas e as situações-limites.

### Educação Ambiental (EA)

Rio Preto, localidade inserida aos pés da Área de Proteção Ambiental do Desengano, em um quadro marcado pelo abandono contínuo de seu ecossistema, exige uma urgente ação coletiva de Educação Ambiental em sua região. O desafio que se apresenta é de propor uma EA voltada para a transformação social. Neste sentido o documento da Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade, Educação e Consciência Pública para a Sustentabilidade, realizada em 1997, em Tessalônica (Grécia), além de reconhecer que após cinco anos da Conferência Rio-92, o desenvolvimento da EA ainda era insuficiente, apontava para

a necessidade de se articularem ações de educação ambiental baseadas nos conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade, mobilização e participação e práticas interdisciplinares (SORRENTINO *apud*, JACOBI, 2003, p.190).

Nesse contexto, segundo Reigota (*apud* JACOBI, 2003, p.196), a educação ambiental aponta “para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos”, Entendendo-se educação num sentido amplo que ocorre também fora dos prédios escolares, também se compreende, **para efeitos metodológicos, que toda a população infantil, jovem, adulta ou idosa de Rio Preto são, em princípio, educandos capazes de se sensibilizarem e estarem mais motivados e mobilizados** para assumir um caráter mais propositivo, assim como para poder questionar de forma concreta a falta de iniciativa dos governos para implementar políticas ambientais e de sustentabilidade.

Neste sentido, sugere-se que a noção de Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO) de Pichón-Riviére pode configurar um caminho metodológico promissor para “acessar” a sensibilidade e motivações necessárias ao surgimento de proposições comunitárias em torno da Educação Ambiental, a partir da promoção eventos e da coleta seletiva em si.

### Esquema Conceitual, Referencial e Operativo (ECRO)

Com origem orgânica e sistêmica, o projeto Desvendando Rio Preto, por dois anos, desenvolveu-se, principalmente, através do trabalho voluntário, o que permitiu uma interação comunitária com base na confiança, um dos pilares conceituais do campo desenvolvimento local e da gestão social. Tanto as parcerias institucionais com o CEFET-Campos, quanto às parcerias com as pousadas e produtores locais, deram-se em ritmo de ações cumulativas e estruturantes, isto é, num processo que “se constrói com” e se atualiza a cada nova ação.

Dessa forma, tanto no campo conceitual quanto no campo da *práxis*, foi necessário adotar uma metodologia de trabalho que desse conta, simultaneamente, da amplitude da missão do projeto e da diversidade de situações e parceiros a serem articulados em espaços e tempos não formais. Além disso, é consenso que trabalhos sociais em comunidades, se configuram um desafio. A mobilização social se torna difícil, considerando as práticas do assistencialismo e do paternalismo no Brasil que promovem a inércia dos moradores em relação às possibilidades de atitudes associativistas (SILVA, 2005). Silva (2005, p.1), quando analisa as dificuldades enfrentadas por um projeto de extensão universitária na inserção em uma comunidade urbana de Belo Horizonte, aponta para uma outra dificuldade:

Outra dificuldade encontrada durante a inserção de uma instituição ou organização em comunidades de periferia é o tempo estas levam para acreditar no trabalho e se responsabilizarem por ele.

Diante deste conhecimento prévio das dificuldades de trabalhos sociais em comunidades, apresenta-se o ECRO - Esquema Conceitual, Referencial e Operativo como

o conjunto de conhecimentos, de atitudes, que cada um de nós tem em sua mente e com o qual trabalha na relação com o mundo e consigo mesmo. São atitudes, concepções e valores que estruturam e permitem nossas ações e nossa interação com o mundo. O esquema referencial é operativo quando possibilita uma ação adaptada à realidade. (Pichon-Rivière, 1986, p. 61).

A seleção do ECRO, como conceito guia para refletir metodologicamente sobre o complexo de ações do projeto, constituiu-se promissora porque foi capaz de promover um conhecimento acerca dos vínculos interpessoais e outras formas de interação que se particularizaram pela natureza operativa e instrumental, voltadas para uma mudança social e orientadas para a aprendizagem através da tarefa. O ECRO mostrou-se também adequado como estratégia operativa para viabilizar ações comunitárias, em meio aos desafios acima mencionados, nas quais as pessoas envolvidas no projeto não agem de forma estereotipada, ao contrário apreendem a realidade de maneira adaptada, de modo que os seus papéis se redistribuem, adquirindo feições de liderança funcionais, a fim de utilizar os recursos e oportunidades existentes em dado momento para o foco do desenvolvimento local, seja na formação de uma associação organizada, seja na qualificação profissional dos produtores, seja no processo de alfabetização (CARMO, 2007).

Dessa forma ao descrever a construção metodológica do projeto com o uso da noção de ECRO é preciso, mesmo que resumidamente, desvelar os conceitos, os referenciais e as disposições para tarefas existentes no grupo social com o qual se está trabalhando.

O principal grupo social com o qual se vem trabalhando está constituído por mulheres pobres. Entre elas se destacam aquelas que moram no bairro denominado Alto Santo Antonio, onde há um embrião associativista que organiza anualmente uma festa junina com o nome “Arraiá D. Benice”, em homenagem à uma líder comunitária, já falecida, e também organiza atividades de lazer com crianças não só do bairro com temas ecológicos. Assim se enfatizou suas ações coletivas como marcas de cidadania onde moram, bem como se problematizou a secundarização da EJA, no campo da educação, e da mulher, no campo da cidadania.

Ao examinar o preconceito sobre a EJA, considerada “campo de segunda linha” entre os profissionais de educação acrescentou-se que os adultos analfabetos, mote precípua da EJA, consideram-se “não gente” quando dizem querer “ser alguém na vida”. Na questão de gênero face à cidadania, encontraram-se ecos do século XVIII, quando o pensamento moderno legitimou a submissão feminina, e observou-se que a matriz desse processo ainda está presente entre a maioria das moradoras alunas que apontam para a

primazia natural do homem, na qual a mulher deve “se ocupar apenas das questões domésticas e dos objetivos maiores de sua vida: casar e ser mãe”, moral esta que ainda conforma práticas sociais que percebem as mulheres como cidadãs “incompletas”.

Em síntese: mulheres, analfabetas e pobres - eis uma combinação de tríplice secundarização. No entanto, examinando o jornal da turma (set. e out. 2007) do ISECENCERJA constatou-se, entre as alunas, atitudes contrárias às expectativas históricas mencionadas. O jornal da turma registrava, além daquelas atividades de embrião associativista citadas acima, as marcas cidadãs de um movimento protagonizado por essas alunas para **reduzir a passagem de ônibus Rio Preto/Campos** e um outro para **denunciar o surto de hepatite no povoado**, em meados de 2007. Os dois movimentos reivindicatórios tiveram repercussão na mídia impressa e televisiva do município e causaram debates acalorados na comunidade. Foi assim que a expressão “Mulheres guerreiras, donas do lar” (CARMO, 2008) surgiu entre as criações de leitura e escrita como antítese de uma submissão histórica atribuída à mulher. As experiências destas mulheres podem ser consideradas pontuais face à amplitude de discriminação do analfabeto e da mulher, no entanto, foram experiências de uma libertação que podem ser consideradas históricas localmente, pois não serão esquecidas por aqueles que a protagonizaram e nem por aqueles que se beneficiaram dos resultados positivos obtidos pelos movimentos.

### Geração de Renda

Apostando nesse tipo de leitura da realidade local com seus ECROs insurgentes, dos quais emergiram e emergem iniciativas que demandam transformação social, é que **entende-se o equívoco sobre a forma como se abordou a questão da geração de renda solidária no projeto ao longo de dois anos**. De um modo geral, todas as alunas que se apropriaram de alguma tecnologia dos cursos de qualificação profissional organizados pelo CEFET-Campos (artesanato, culinária, bordado) o fizeram sem uma perspectiva associativista, ou seja, aprenderam para uso pessoal (enfeites para a casa, variação da culinária doméstica) ou para atender a encomendas particulares (bolos de aniversário, doces caseiros).

Entende-se assim que a formação da ASSECE (associação criada para organizar as iniciativas protagonizadas pelas alunas descritas anteriormente) não serviu para fortalecer os projetos de qualificação profissional, ao contrário, na medida em que nem todas as alunas conseguiam vender seus produtos, as aulas foram progressivamente esvaziadas de sentido para o grupo, culminando na paralisação das atividades de qualificação profissional, no segundo semestre de 2008.

No entanto, as atividades de coleta seletiva, lançadas pelo projeto Rio Preto Limpo, em maio de 2008, e as atividades lúdicas de educação ambiental organizadas pela presidente eleita da ASSECE, mantiveram seu ECRO, apesar da irregularidade com que aconteceram, devido ao período de eleições e enchentes no segundo semestre de 2008. **Estes fatos sugerem uma mudança na estratégia para gerar renda de forma solidária**, a fim de fortalecer o associativismo e conseqüentemente o capital social, qual seja: a proposição de geração de renda **não deve mais focar o ganho pessoal, mas sim o ganho social**. Ou seja, tendo em vista as experiências vividas pelo grupo de alunas moradoras, postula-se que, para elas, **o prestígio advindo de ganhos sociais tem mais potencial de multiplicação do que os advindos de ganhos pessoais** com a venda de produtos artesanais.

Dessa forma é que se propõe, como recurso metodológico para alavancar o ECRO social das alunas moradoras, dar concretude a uma ideia embrião e uma preocupação da moradora que foi eleita presidente da ASSECE, formulada à época da fundação da associação: **gerar renda para comprar fraldas para os idosos que não tem posses**. Ou seja, através de reuniões com o grupo base, pretende-se fazer evoluir a referida ideia para que se transformem em ECROs coletivamente, a fim de estruturar um plano de ações que contenha indicações sobre: a) como selecionar os idosos sem renda que irão receber o material indicado; b) como divulgar a finalidade da coleta seletiva dos resíduos plásticos junto à comunidade; c) como convencer moradores a se comprometerem com a coleta seletiva; d) como convencer as escolas, o comércio e outras instituições a participarem do movimento de coleta; e) como selecionar os pontos de coleta; f) como transportar o material coletado para a sede do ISECENCERJA; g) como viabilizar e controlar a venda/receitas e compra/entrega de materiais aos idosos sem posses; h) como planejar as etapas da ação solidária com os idosos sem posses de modo a conquistar a confiança deles e da comunidade; i) quais as informações sobre Educação Ambiental e Administração que o grupo precisa para gerir o projeto; j) como dividir as tarefas planejadas entre as pessoas do grupo e como organizá-las no tempo. Prevê-se que as reuniões para elaboração do plano de ação serão semanais, durante o primeiro mês, e posteriormente quinzenais, não sendo necessário planejar todo o processo acima indicado para iniciar a execução das tarefas planejadas nas primeiras semanas.

Este último subtópico faz o fechamento da rede metodológica que se pretendeu atualizar.

### **Discussão**

O que se discute a partir da trajetória do projeto Desvendando Rio Preto é o potencial metodológico do ECRO face às adequações e aos ajustes, por vezes conflituosos, entre as diversas atividades desenvolvidas pelos envolvidos na alfabetização e nas oficinas de qualificação realizadas por instituições distintas (ISECENSA, CEFET e grupo de moradoras), em um mesmo ambiente de trabalho.

As dificuldades vividas para promover ajustes de cronogramas, compartilhar espaços com atividades e instituições distintas, interagir com hábitos e culturas organizacionais e comunitárias diferentes, manter o foco na missão do projeto e ao mesmo tempo observar os resultados alcançados, bem como os altos e baixos ocasionados pela presença ou ausência de financiamento das atividades, é o grande desafio metodológico do projeto.

Sem maiores reflexões acadêmicas, apenas fundamentado nas respostas dos moradores às enquetes realizadas, que apontam um conhecimento do projeto Desvendando Rio Preto por mais de 50% da população do povoado como resultado de uma relação continuada, baseada na confiança, há indícios que houve acerto na escolha do ECRO como metodologia fundamentada na Teoria dos Vínculos Interpessoais (PICHÓN-RIVIÉRE, 1998).

**Referências Bibliográficas**

BORGES, Liana. Ler o Mundo para Ler a Palavra - Alfabetização em Paulo Freire. In: *Alfabetização: práticas e reflexões; subsídios para o alfabetizador* / Dóris Santos de Faria (organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2003 – p. 24 a 28.

CARMO, Gerson T.; LOBO, Yolanda. As mulheres guerreiras donas do lar: alfabetização gênero e cidadania. In: Mostra de Pós-Graduação da UENF, 2008, Campos dos Goytacazes. Livro de Resumos e Pôster, 2008.

CARMO, Gerson T. ; SALES, Ana Laura. S. G. ; SOUZA, Agraciema R. ; BARRETO, Marinês S.. Educação de Jovens e Adultos: marcas de cidadania no povoado de Rio Preto. Campos dos Goytacazes-RJ: Perspectivas Online, v. 5, p. 4, 2008.

CARMO, Gerson T.; PESSANHA JUNIOR, L. S. M. ; MACHADO, C. A. R.; VAILLANT, Eliseu; . Implantação do Centro Comunitário de Educação e Renda de Jovens e Adultos de Rio Preto. In: I Fórum Fenorte/Tecnorte de Desenvolvimento Tecnológico, Campos dos Goytacazes, 2007. Livro de Resumos, Comunicação e Pôster.

CARMO, Gerson T.; VAILLANT, Maria Celeste A. C.. ECRO (Esquema Conceitual Referencial e Operativo) do Projeto Desvendando Rio Preto: o caso da araruta. In: II Congresso Internacional de Conhecimento Científico, Campos dos Goytacazes: ISECENSA, 2006.

CARMO, Gerson T.; CAMPOS, Suyanne G.S.. O Perfil do turista que visita as pousadas de Rio Preto. In: II Congresso Internacional de Conhecimento Científico, Campos dos Goytacazes: ISECENSA, 2006.

CARMO, Gerson T.; MACHADO, Carlos Augusto R.; PESSANHA JUNIOR, Luiz Saulo M.; Gerência de projeto social: adequação de técnicas de administração ao projeto “Desvendando Rio Preto”. In: II Congresso Internacional de Conhecimento Científico do ISECENSA 2006. Livro de Resumos e Pôster, 2006.

CARMO, Gerson T.; PESSANHA JUNIOR, Luiz Saulo M.; GOMES, Luiz Cláudio G. Marca Rio Preto: expectativa do consumidor campista. In: II Congresso Internacional de Conhecimento Científico do ISECENSA 2006. Livro de Resumos e Pôster, 2006.

CARMO, Gerson Tavares do ; BOTELHO, S. R. . Projeto Desvendando Rio Preto: Histórico e Pesquisa Descritiva e Exploratória. In: II Congresso Internacional de Conhecimento Científico do ISECENSA 2006. Livro de Resumos e Pôster, 2006.

CARMO, Gerson T.; MANSUR, André F. U. (orgs). Desvendando Rio Preto: pesquisa descritiva e exploratória. Campos dos Goytacazes (RJ): ISECENSA, 2005 – Reg Bib. Nacional nº 378.482.

\_\_\_\_\_. Relatório da Enquete “Rio Preto Limpo”. Campos dos Goytacazes-RJ: ISECENSA: Brochura, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censos Demográficos 2000*. Brasil: Diretoria de Pesquisas – IBGE. Acesso em 25/04/2005 [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) .

JACOBI, Pedro. Educação, cidadania e sustentabilidade. In: Fundação Carlos Chagas - Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 118, p.189-205, março/ 2003.

MILANI, Carlos. *Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)*. Bahia: FAPESB, Escola de Administração da UFBA, Projeto de pesquisa «Capital

social, participação política e desenvolvimento local» 2002-2005. Acesso em 22/06/2005 [www.adm.ufba.br/capitalsocial/Documentos%20para%20download](http://www.adm.ufba.br/capitalsocial/Documentos%20para%20download)

NEVES, Delma Pessanha. *Do Imbé, Novos Horizontes – processo de construção de um assentamento rural*. Niterói: Intertexto, 2004.

PAIVA, Jane. *Por que alfabetizar? Os sentidos da alfabetização para alunos trabalhadores*. Texto apresentado no Fórum Permanente de Geração de Emprego e Renda do Município do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Trabalho. Março 1998.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O Processo grupal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

\_\_\_\_\_. *Teoria do Vínculo*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PUTNAM, Robert D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SANTOS, Itamar Diogo dos. Método Dom Bosco de Educação de Base. In: *Alfabetização: práticas e reflexões; subsídios para o alfabetizador* / Dóris Santos de Faria (organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2003 – p. 34 a 46.

SILVA, Alysso M.C (Coord.). *Trabalhos com comunidades: uma experiência “mal sucedida”* In: *Anais do 8º Encontro de Extensão da UFMG*, Belo Horizonte – 03a 08 de outubro de 2005.